

Sílvio Júlio

Rubens Falcão

Esse nome transpôs, há longos anos, as fronteiras da pátria.

Podemos discordar de muitas das suas críticas, de muitas das suas opiniões. Mas não podemos é deixar de reconhecer o seu belo, grande talento. Como o talento é coisa que incomoda a muita gente, ao mestre nordestino ainda se não fez a devida justiça. O trabalho que, desde a juventude, vem realizando pela aproximação cultural entre o Brasil e os seus vizinhos da América de fala espanhola seria suficiente para que se lhe concedesse o título de benemérito do futuro. Seria o resgate de uma dívida. Sílvio Júlio está com oitenta anos. É uma idade provecta. Nesta altura da vida, já não há muito o que esperar, embora seja ele um homem sadio, vigoroso, em plena atividade intelectual. É que essa coisa de idade nem sempre realmente funciona. . . Ele sabe, por exemplo, que aos oitenta anos Catão, o romano, começou a aprender latim; Goethe, "o mestre supremo", aos oitenta e dois terminou o *Fausto* e Ticiano, aos oitenta e sete, pintou o seu último quadro.

Bem numerosa é a bagagem desse intrépido filho do Leão do Norte abrangendo os temas mais diversos. A História do Brasil, em particular, e a de toda a América conhece-as de ponta a ponta, como a sua geografia física e política. São magistraís os seus perfis de Bolívar, O'Higgins e San Martin. Numerosa a correspondência que mantém com os vultos mais destacados do pensamento americanista no Continente. Em cada um fez um amigo, nas suas andanças e residências fora do país. Natural do Recife, é generoso, franco, leal, às vezes rude. Detesta a hipocrisia e ama a verdade. Polígrafo, orador e poeta, ouvi-lo é uma festa para o espírito. Domina com perfeição o castelhano e conhece todos os poetas desse idioma, sabendo-lhes de cor os melhores versos.

Sem medo e sem mácula, passará à posteridade.